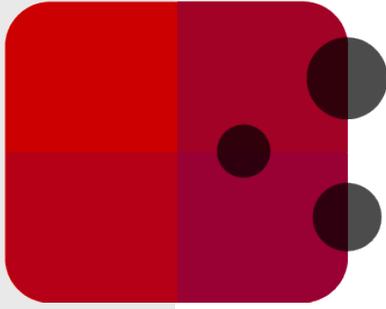


rebecca



Glauber por ele mesmo?¹

Jomard Muniz de Britto

1. Nota do editor: publicado em seu livro *Atentados poéticos* (2002), esse texto é todo construído com frases retiradas do livro de *Glauber Rocha, Revolução do cinema novo* (1981).



Arte tem que ter ambição.
O sonho é o único direito
que não se pode proibir.
O caminho do cinema são todos os caminhos.
Cineastas como navegantes
em busca do Eldorado
no sertão ou no mar.
Arte tem que ter ambição.
Minas de Estética na Bahia.
Jorge Amado tinha descoberto veio gordo.
Eu era a projeção cinematográfica de Jorge.
O modernismo me levou a desprezar
Castro Alves
pelo fato que ele desapareceu
reencarnado em mim.
Arte tem que ter ambição.
Sou ateu, mas tudo aquilo que se relaciona
com a religião negra me toca muito:
seu sentido de espetáculo.
Somente a experiência de fazer filme
pode colocar
o cineasta num labirinto de dúvidas.
Arte tem que ter ambição.
Para conquistar o sol da beleza transcendente.
Queremos filme de combate
na hora do combate para construir no Brasil
um patrimônio cultural.
Não existe diferença entre a idéia e a forma.
Arte tem que ter ambição.
Creio que este é o problema da arte moderna,
esta dialética entre simetria e assimetria,
que se pode tornar convencional
a qualquer momento.



É necessário praticar o exercício das rupturas.

A linguagem é o resultado dialético das contradições. Pelo x, y, z dos problemas.

Arte tem que ter ambição.

Enquanto não realizarmos filmes que violentem o comodismo dessa platéia intoxicada de convicções erradas,

não estaremos igualados ao nosso presente.

Não há espessura histórica no Brasil.

Arte tem que ter ambição.

O amor que esta violência encerra é tão brutal quanto a própria violência, porque não é um amor de complacência ou de contemplação, mas um amor de ação e transformação.

Arte tem que ter ambição.

Devemos refletir sobre a violência e não fazer um espetáculo com ela.

Temos que viver da fecunda complexidade das experiências:

assim poderemos desvendar o nosso brasileiro mistério.

Criar é revolucionar.

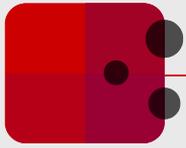
Arte tem que ter ambição.

A didática sem a épica gera informação estéril e degenera em consciência passiva nas massas e boa consciência nos intelectuais.

A épica sem didática gera o romantismo moralista e degenera em demagogia histórica: é totalitária.

Arte tem que ter ambição.

O que Guevara valoriza é que a guerrilha não é uma aventura romântica,



mas epopéia didática tri-continental.

Enquanto reinar a tirania

não haverá felicidade.

Arte tem que ter ambição.

Todo autor, todo filme conta a mesma estória,

toda estória conta a mesma história,

que é a luta da humanidade pela liberdade.

Então a luta pela democracia é uma luta

que estrutura todas as histórias.

Arte tem que ter ambição.

A via da revolução não passa somente

através da tomada de consciência racional,

mas de uma resposta que nasce do corpo,

como raiva, como loucura,

como imaginação exasperada,

de uma consciência de total

inevitabilidade da liberação.

Arte tem que ter ambição.

Romper com a montagem idealista

e chegar na montagem nuclear.

Aí o discurso fica livre e o cinema cria.

Em nível oficial não se permite nada.

A arte se impõe.

Arte tem que ter ambição.

O cinema do futuro é ideogramático.

É difícil uma pesquisa sobre signos (símbolos).

Não basta uma ciência: é necessário um

processo

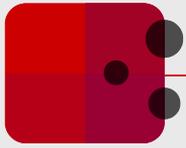
de conhecimento e autoconhecimento que

investe

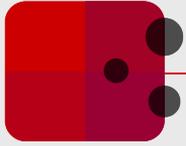
toda a existência e sua integração com a

realidade.

Arte tem que ter ambição.



A “estética da fome” era a medida de minha
compreensão racional da pobreza em 1965.
Hoje recuso falar em qualquer estética.
Eu fiquei com uma minoria esperando
o Apocalipse e a Nova Utopia.
Arte tem que ter ambição.
Muitos companheiros seguiram outros rumos.
Os revolucionários têm medo
das coisas novas em arte.
O dinheiro, a mulher, a idéia na cabeça,
a câmara na mão e o caralho da Humanidade.
O realismo está no telejornal.
Arte tem que ter ambição.
A plena vivência não pode se sujeitar
a conceitos filosóficos.
Arte revolucionária deve ser uma mágica
capaz de enfeitiçar o homem a tal ponto que ele
não mais suporte viver nesta realidade absurda.
Arte tem que ter ambição.
Via o poder da tecnologia mas lamentava
a pobreza ontológica.
Arte não tem classe porque desmascara
todas as classes.
Somos revolucionários das materializações.
Arte tem que ter ambição.
É necessário que o fogo devore o cinema novo
como a lara devora Macunaíma.
Antes de ser devorado o cinema novo deve
devorar o mercado brasileiro que é devorado
pelo cinema imperialista.
Arte tem que ter ambição.
Deve devorar a tolice e o snobismo
de nossos intelectuais que são devorados



pela *cultura*.

Deve provocar uma indigestão de fogo,
ser devorado, renascer das cinzas.

Arte tem que ter ambição.

Kynorama: kino, cinema, rama, espaço.

Cinema integral: o próprio filme é a própria sala de projeção.

Você entra na sala, ali dentro é um filme.

Tudo é um filme, inclusive o espectador integrado.

É o estúdio, é projeção, é tudo.

Arte tem que ter ambição.

Utopia incendiária das esperanças.

A arte é invenção,

é o inconsciente do artista,

o sonho, o imprevisto, a forma nova.

A arte é delirante.

Arte tem que ter ambição.

Kynovida: ela me comeu e foi embora.

Pois nada mais safado que o amor.

Kynotranse: eu era a raiz deste continente.

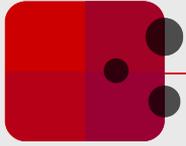
A colocação do filme é uma só:

É o meu retrato junto ao retrato do Brasil.

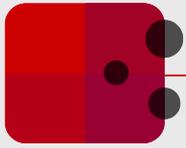
A Idade da Terra

Arte tem que ter ambição.

Jomard Muniz de Britto

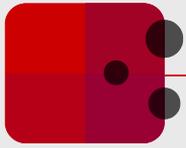


Jomard Muniz de Britto é natural de Recife, onde reside e trabalha. Atualmente é professor aposentado da UFPB. Além de cineasta, poeta e performer, é ensaísta e filósofo. Sintetiza em sua própria figura esse trajeto moderno e um tanto impossível, ou mesmo “arlequinal” (Mário de Andrade), que nos leva de Paulo Freire a José Simão, passando por Sartre, Glauber e o tropicalismo. Participa ainda estudante, nos anos 1950, das experiências de Freire em Pernambuco que resultaram no método de alfabetização mundialmente conhecido. Forma-se em Filosofia e torna-se professor de Artes e Comunicação da UFPB, sofrendo com o AI-5 interrupção de suas atividades docentes retomadas anos depois. Seu primeiro livro, *Contradições do homem brasileiro*, editado no Rio pela Tempo Brasileiro, é apreendido antes da distribuição, em 1964. O segundo, *Do Modernismo à Bossa Nova*, com prefácio de Glauber Rocha, seu amigo desde o cineclubismo dos anos 50, é editado pela Civilização Brasileira em 1966, e reeditado em 2009 pela Ateliê, em São Paulo. Dentre os mais recentes dos seus 15 livros estão *Atentados poéticos* (Bagaço, 2002) e *A língua dos Três Pppês: poesia, política e pedagogia* (SESC, 2012). Conta com quase cinco dezenas de filmes rodados em Super-8 e vídeo, numa espécie independente e crítica de atividade de resistência cultural, atípica no quadro do Tropicalismo, de que foi interlocutor, ativista, peça importante e reconhecida no nordeste brasileiro. Para conferir maiores informações e detalhes, ver sua entrevista no site Trópico, realizada pelo pesquisador e cineasta experimental Carlos Adriano: “O último Dândi”: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2604,1.shl>. Instado pelo editor de *Fora de quadro* a nos enviar por mensagem eletrônica a liberação da publicação neste número de *Rebeca*, nos endereçou o e-mail reproduzido abaixo. Achamos pertinente adicioná-lo aqui como um rodapé autorreflexivo, glosa de seu trajeto e de seu próprio texto, um autorretrato digressivo.



Para compreender os atentados?

Antes de tudo confirmar que nosso autor de textos audiovisuais, com suas heranças e errâncias no cinema superoitista, continua exercitando-se nas zonas fronteiriças da prosa com a poesia, da crônica com a pop filosofia, misturando gêneros e ousando perturbar as hierarquias entre “alta cultura” universitária e subterrâneos tropicalistas, na mídia e fora dela, através de redes alternativas de comunicação. Itinerário de “afinidades eletivas” que poderiam até gerar uma quase enciclopédia de poemações e filosofemas, lembranças de almanaque, reflexões emotivas, cortes epistemológicos e papos-cabeça em qualquer lugar. Reunindo autores consagrados e outros ainda não, ele vai praticando interferências, homenagens, recortes e colagens verbais. Nesse jogo de reconstruções linguísticas, quase chega a definir um ideário, pensamento em processo. Os leitores são, por sua vez, instigados a redescobrir outros elos, encadeamentos, livres associações, compromissos além da mera ou cara retórica. Tudo prazerosamente na medida do possível. Continua acreditando - sua utopia concreta? - nas possibilidades do pluralismo estético-ideológico entre jovens de todas as idades



e contemporaneidades. Até quando?

Tudo girando em torno dos enigmas da poeticidade

e da democratização cultural.

Em todos eles, o senso de humor - mesmo sem

perder o sentimento trágico da existência -

é sua nuclear motivação.

Diálogos com Paulo Freire & diferenciações.

Ironia amorosa e sarcasmo sem compaixão.

Atenção aos signos, ocultações,

reverberações e superstições.

Antropoemia devorada pelos antropófagos

dos experimentalismos.

Nem a favor nem contra

as veias aortas do machonalismo.

Promessas de felicidade e

catástrofes desafortunadas.

A letra e a voz sem esquecermos os gestos

fundacionais arcoverdejantes de

Pedro das Américas. Arrudiando o mundo.

Todos os solos. Todas as luzes e trevas.

Todos e todas no Grito dos Excluídos.

Recife, quase setembro 2013.

atentadospoeticos@yahoo.com.br